



APRESENTAÇÃO

As palavras faladas voam e as escritas ficam (*verba volant scripta manent*). O que falo há vários anos na CBN venta sobre o Brasil em AM e FM todos os dias. A repercussão tem sido maior que a da TV, porque o rádio é ouvido com atenção, longe das telas abertas nas salas.

Esta coletânea de textos, sem rigor literário, mantém a espontaneidade, às vezes até maluca, de meus comentários diários na rádio. É prosa falada em que me coloco ali, quente no microfone, mais como cidadão do que como um escritor de artigos de jornal.

Há até uma irresponsabilidade poética no que faço, o que gera comentários em forma de paródia e cria uma expectativa de cômicas surpresas entre os “amigos ouvintes”.





Se os textos escritos almejam a literatura, o texto falado anseia pelo “comício”.

Este livro tenta preservar alguma coisa útil em meio à tagarelice do dia a dia. Acho que um banho de efêmero faz bem à literatura.

Assim, me coloco como repórter e prova do crime. Ninguém está fora do jogo. Ser “digno” não basta. É preciso incluir-se entre os loucos que ainda acreditam na razão, no país. Pode ser que reste alguma sensatez, talvez pela exaustão dos erros nacionais, mesmo que seja um resto, um bagaço de razão no fim de nossa vergonhosa caricatura.

Mesmo os vexames e os escândalos cotidianos têm a “contribuição milionária” de mostrar que não há julgamentos definitivos sobre o Brasil. Somos muito estranhos. Como disse alguém, o Brasil é o inferno dos cientistas políticos e o paraíso dos jornalistas.

Por isso, desisto de ser definitivo, lapidar, e tento ser carrasco e vítima, dentro e fora; por isso, tento me colocar na encruzilhada entre mim como indivíduo e a vida social como um todo; por isso, coloco minha cabeça como um despacho nessa encruzilhada. O resultado está aí.

Arnaldo Jabor





POLÍTICA NACIONAL





A política nacional não piorou nos últimos anos. Não é estática, mas endêmica. É uma repetição de quatrocentos anos de erros. O Brasil foi criado em cima de leis sopradas lá de Portugal, que colocaram este país sob um regime de patrimonialismo secular.

Suas bases são: Estado fortíssimo que manda em tudo e deixa a sociedade sem poder. Pior, gera os donos do poder. As oligarquias regionais tomam para si o Estado como se ele fosse patrimônio próprio. Assim, a sociedade vive para o Estado, e não o contrário, como deveria ser.

Tudo o que acontece na política brasileira é a repetição cansativa de um mesmo erro de raiz.





O FILHO DO POVO

No dia 28 de outubro de 2002, o Brasil começou a mudar. Para pior? Não – só Deus sabe o que vai acontecer, mas a vida é assim, a história se move pela vontade do povo. Lula era um grande desejo nacional. Lula se tornou o mascote de nossa esperança, e – como o chamou [*Leonel*] Brizola – foi o sapo barbudo que virou príncipe. Lula é o velho desejo de se ter um filho do povo no poder. É muito interessante que tenhamos essa experiência, já que nos últimos quatro séculos houve a exclusão histórica dos desejos populares, sempre comandados pelas oligarquias.

Lula emociona a população pelo seu jeito afetivo. É sempre considerado um grande negociador e, hoje, muito mais maleável diante da realidade. Lula é um



mito operário. Talvez veja com clareza dados óbvios que ficaram escondidos sob muitos números – superávits, índices-Brasil, contas de mercado. Lula talvez contemple mais aspectos humanos esquecidos pela fria tecnologia do mundo mercadológico. Lula poderá trazer uma época que tínhamos nos anos 1960, antes do golpe, uma época de grandes utopias, de desejos mais nacionalistas. Se isso for vivido com sabedoria, e não com excesso e onipotência, poderá existir uma nova era no país, neste momento em que o mundo está arrogantemente imperial.

Lula poderá ser um antídoto contra o perigo da Alca, esse plano americano para limitar nossa soberania. Lula poderá trazer de volta um país que andou esquecido pelo excesso de interdependência internacional. O perigo que ronda a vitória do PT será a tentação de botar para quebrar, o tal do machismo revolucionário. Outro perigo é a sabotagem das elites. E também, talvez até pior, a sabotagem de alguns malucos que vivem dentro do PT – pessoas que pensam que ainda estão em 1917, na Rússia, tomando Brasília como se fosse São Petersburgo.

Boa sorte, Lula. Que Deus lhe dê luz e que o grande Marx também lhe ilumine com a luz da sutileza histórica que sempre ensinou.

Boa sorte, Lula. E não se esqueça de que – como dizia Mao Tsé-Tung – a paciência é uma virtude revolucionária.

28-10-2002



PRODUTORA DE MISERÁVEIS

O Ministério da Justiça apresentou um projeto para acabar com a chamada “indústria das liminares”. A decisão foi tomada depois de o ministério ter recebido denúncias de empresas que perderam 9 bilhões de reais em processos judiciais. Algumas nem sequer tiveram o direito de defesa. Na “indústria das liminares”, juízes usam de forma arbitrária a tutela antecipada para lesar empresas privadas. Alguém entra com uma ação contra a empresa sem que o processo tenha terminado e o juiz autoriza o bloqueio e o saque do dinheiro da conta. Isso causa prejuízos às empresas. É um belo projeto do Ministério da Justiça, que impede que uma empresa roube a outra com a ajuda de um juiz sem-vergonha.



Mas esse é apenas um ramo da pujante indústria nacional. Muito mais grave é sua atividade principal, a de lesar o patrimônio público. A grande maioria das liminares são contra o Estado brasileiro. O cidadão se diz prejudicado por uma dívida cobrada, ou por um imposto, processa o governo e imediatamente recebe a absolvição de culpa. Há milhares de sem-vergonhas que vivem disso.

Muitos chegam a receber indenização se o banco cobrar ou executar alguma dívida, alegando danos morais. Além da corrupção de alguns juízes, esses homens contam com a ajuda de seu maior aliado: o tempo. Porque a justiça é lenta e o Estado perde sempre. Você tem ideia de quanto esses malandros devem ao Brasil? Cento e vinte bilhões de reais. E a ONU se escandaliza com a nossa miséria, mas não explica a sua origem. A “indústria das liminares” é uma grande produtora de miseráveis pelo Brasil afora.

15

11-12-2002





TRAUMAS E DEFEITOS IMPORTADOS

Hoje, exatos 503 anos atrás, em uma praia do Nordeste, chegavam as caravelas do senhor Pedro Álvares Cabral e sua equipe de executivos e assessores. Acho meio estranho que o dia da descoberta do país não seja feriado. Ontem, foi um dia livre por causa da morte de Tiradentes. Por que comemorar o fracasso de uma revolução, e o esquitejamento de seu líder, e não celebrarmos o dia em que foi dado o pontapé inicial de nosso destino? Porque foi isso o que aconteceu. Nesse dia, começaram a se desenhar os erros e os acertos – mais erros do que acertos – que formaram a vida de hoje. Lá, em Porto Seguro – terra não dos índios, mas dos caciques que veraneiam em casas de luxo, olhando o monte Pascoal, lá onde as peruas andam de biquíni com



seus burgueses barrigudos –, estavam nossas índias nuas para o êxtase dos “portugas”, que chegavam depois de três meses no mar, passando sede e sentindo fome de comida e de amor.

A carta de Pero Vaz de Caminha mostra a visão do paraíso que foi a descoberta de nosso litoral para os executivos e os assessores do comandante Pedro Álvares Cabral. Lá, foram depositadas as sementes do que somos hoje. Portugal trouxe para cá, além de suas caravelas, o espírito de um país em plena luta contara o progresso na Europa. A grande mudança que acontecia na Renascença era vista com maus olhos por Portugal, um país que ia na contramão da mudança política no continente. Em vez da modernização que a reforma protestante faria no século XVI, Portugal não queria a liberdade que se desenhava primitivamente na Europa. Não queria o fim das regras do mundo medieval que acabava. Não queria os primeiros sinais do capitalismo primitivo. Tudo em Portugal era da Coroa, tudo era patrimônio dos que viviam em volta dos reis. A sociedade era um mero conjunto de colonos, bando de meeiros a serviço do rei e de um Deus católico que estimulava a pobreza e a obediência.

Para cá veio, então, o desenho de um país semelhante à estrutura de Portugal. Para cá vieram os vícios que uma estrutura não democrática provocam. Burocracia, corrupção, irresponsabilidade pública, oligarquias, falta de união da sociedade civil – em



suma, traumas e defeitos que estão aí até hoje. O principal desses vícios foi um tipo de regime em que o Estado sempre mandou em tudo e impediu a democratização pública, esta comum em nações não coloniais que se desenvolveram muito rapidamente, como as anglo-saxônicas.

Hoje, somos os adultos dessa infância torta. Nossa maravilhosa cultura de três raças foi plasmar um desejo de liberdade e de democracia que talvez agora, quinhentos anos depois, estejamos mais próximos de realizar. Já podemos ver a liberdade raiando em nosso horizonte. Só agora o velho patrimonialismo português está agonizando por influência do mundo moderno. Por isso, viva o Brasil. Como cantou o democrático e genial Lamartine Babo com a alegria que sempre desejamos: “Quem foi que inventou o Brasil?/ Foi seu Cabral! Foi seu Cabral!/ No dia 22 de abril, dois meses depois do carnaval”.

18

22-4-2003





LADRÕES, PAREM AGORA!

Você não acha que o Brasil se mexe apenas para piorar? Explico. Quando acordo, olho em suspense o jornal. Será que há alguma catástrofe nova que vai nos jogar no abismo? Ah, não – oba! O dólar baixou, o risco Brasil melhorou. Então posso tomar meu café aliviado, ou seja, se a casa não cair já é uma maravilha. Quando acontece uma crise nacional ou internacional que nos atinge, tudo parece se mover rapidamente; manchetes explodem na tevê, medidas enérgicas, correria, até que as coisas voltam ao normal e tudo fica em câmera lenta, parado, parecendo até que o Brasil é uma Suíça ou uma Noruega, países onde nada acontece na doce vivência da riqueza econômica.



Por que é assim? Bem, porque governar o Brasil, hoje, é apenas para impedir que ele se destrua. Os três poderes se anulam e duelam o tempo todo, um tentando desmontar a autoridade do outro. As medidas provisórias, que eram o único instrumento rápido do Executivo, já foram castradas, inclusive com o voto do PT na gestão passada, que agora está desesperado tentando voltar atrás. As instâncias do Judiciário são infinitas e eternas, nunca terminativas. O sujeito rouba uma galinha e a questão se arrasta até o Supremo Tribunal Federal. Uma lei para ser votada no Congresso tem milhões de destaques, palavrórios, conchavos e, se for matéria constitucional, passa por vários turnos, na Câmara, no Senado, maiorias de dois terços, tudo o que pode evitar a rapidez, a eficiência.

Dizem que o Lula e a equipe vivem irritados com demandas de velocidade da oposição. Todo mundo fala: “Anda, baixa os juros! Faça isso logo! Faça aquilo!”. O Lula se reúne sem parar, trabalha feito um maluco, e sente-se como em um engarrafamento – gente buzinando atrás com o trânsito parado na frente. É por isso que o Oswaldo Aranha [*ex-ministro da Justiça e da Fazenda na década de 1930*] dizia que o Brasil só crescia entre meia-noite e seis da manhã, enquanto todo mundo estava dormindo.

Há dez anos só ouvimos falar de reformas urgentes, e ninguém consegue fazê-las. Será que os idiotas e os oportunistas que tentam impedir as reformas ób-





vias, necessárias, técnicas, não percebem que, se o Brasil crescer, tirando os obstáculos da previdência e do atraso tributário, todos poderão ganhar mais dinheiro? Existem ladrões que estão preocupados com isso e terão até lucros novos. Ladrões brasileiros, parem de sabotar reformas contra seus interesses. Sejam modernos, acreditem no futuro, porque, se o país melhorar, vocês poderão até roubar mais.

28-5-2003



TARTARUGA VERSUS PURO-SANGUE

O problema do governo Lula, como foi o de Fernando Henrique, é que a população acha que o Executivo executa. Não entende que o ritmo da máquina do poder é uma tartaruga, e o desejo popular, um puro-sangue. Lula está cercado. Os Babás reclamam [*referência ao deputado do PSOL João Batista Oliveira de Araújo, cujo apelido é Babá*], a CUT chia, os intelectuais fazem beicinho e choram, o vice-presidente posa de patrão. E todo mundo reclama: “Sai ou não sai essa revolução?”. O MST já está fazendo a revolução. Já está demarcando terras invadidas no peito, sem licença do Incra, como se o Stédile [*João Pedro, membro da direção nacional do MST*] fosse o Che Guevara, e o Rainha [*José Rainha Júnior, que foi coordenador do MST*], o Mao Tsé-Tung.



No governo Lula, as invasões dobraram. Eram cinco por mês no tempo do Fernando Henrique, e agora são treze. Pensam assim: “Lula é nosso amigo, logo é mais fácil botar para quebrar no governo dele”. Essa gente está explorando cruelmente o drama do Lula, que fica de mãos atadas; como vai baixar o pau nesses provocadores? Porque o MST, que era um movimento bacana com a intenção de fazer a reforma agrária, virou um bando de pobres homens ignorantes sendo comandados e explorados por oportunistas e doidos revolucionários, que querem o socialismo soviético ou chinês no Brasil.

É incrível a ignorância das chamadas forças progressistas. Vão encurrular o Lula como fizeram com o Fernando Henrique. E talvez inviabilizem a chance de reformas e da social-democracia no Brasil. Depois vão dizer: “Ah, foi o FMI, a direita, o imperialismo”, quando foram os amigos burros e malucos do Lula que destruíram seu governo. Lula diz assim: “Apresadinho come cru”. Mas seus amigos, que na realidade são inimigos, respondem: “Vamos devagar com as reformas, devagar se vai ao longe”. Como já disse, todo mundo pensa em si, todo mundo gosta de comer abará, mas ninguém quer saber o trabalho que dá.



UM PAÍS SEM DIREÇÃO

Lula já disse que nunca foi comunista. Lula foi o primeiro líder operário a ter importância teórica no pensamento progressista do Brasil. Quando lhe perguntaram, em um inquérito, se era comunista, respondeu que não. “O que o senhor é, então?”, indagou o tira. Ele respondeu: “Sou torneiro mecânico”. Essa resposta é um divisor de águas, porque, quando cresceu como líder no ABC, Lula trouxe uma grande mudança para a esquerda brasileira. Com ele, acabou a idiotice ideológica, a “ideolotice” talvez, a “esquerdobabaquice”, em que intelectuais de classe média se sentiam Guevaras e Lenines, enchendo a cara nos bares, mesmo depois do evidente e trágico massacre dos guerrilheiros urbanos pela polícia do Exército.



Lula trouxe o realismo político e a luta pelo progresso no país, a visão do possível, da política de resultados, apesar dos oportunistas que lotaram o PT depois. Um comentário, esse sim, de um comunista tardio, oportuno leninista, “mao tsé-tungzinho” do mato: João Pedro Stédile fez ataques a Palocci, o ministro da Fazenda, dizendo que ele engana o Lula e que a política econômica do país não vai dar certo nunca. Incrível como essas pessoas desejam o caos para o Brasil. E tudo em nome do povo, em nome dos pobres sem-terra que esse homem leva para aventuras sem futuro.

Palocci [*Antonio*] está segurando a barra da complicada macroeconomia do Brasil e, se não fosse ele, estaríamos batendo panela nas ruas, como querem os provocadores. Existem, hoje, dois grandes perigos rondando o país: um deles é o dos guerrilheiros do “quanto pior, melhor”, e o outro é a volta do fisiologismo, da velha política do atraso, cujo partido mais representativo é o PMDB.

Há fortes indícios de que se organizam fisiológicos, demagogos e populistas para que o atraso volte a comandar e imperar no Brasil, depois de dez anos de uma política mais ética que houve no governo de Fernando Henrique e que há no de Lula. Esses homens que se preparam no escuro querem a volta de um país sem projeto, sem rumo. Odeiam que Fernando Henrique e Lula tenham um projeto social-democrata para o Brasil. A união do caos com o atraso,



um provocando o outro, é tudo o que os fisiológicos desejam, e os comunistas também. Jader Barbalho [*que renunciou ao cargo de presidente do Senado em 2001*] já está entrando na sombra, festejando com todo o PMDB, às gargalhadas, a volta do evangélico Garotinho [*Anthony, duas vezes governador do Rio de Janeiro*] nas hostes do ex-sério partido de Ulysses [*Guimarães, ex-presidente nacional do PMDB*]. Este é o perigo: a união da ruptura com a impostura. Que Deus nos proteja.

28-8-2003



E LÁ SE VÃO AS ARARINHAS-AZUIS

Você sabia que um grama do veneno da aranha armadeira pode ser usado como analgésico e vale 40 mil dólares no mercado negro? Um pouquinho do veneno dessa aranha enriquece um sujeito, se ele não for mordido. Você sabia que o Brasil perde cerca de 1 bilhão de dólares por ano com bichinhos que são roubados de nossas florestas, sem contar o restante, sementes incluídas? Muitos remédios, vendidos por preços exorbitantes aos brasileiros, foram tirados de nossa flora, como o extrato de espíheira-santa para problemas de estômago, o extrato de pilocarpa para glaucoma e o curare, veneno usado nas flechas dos índios como relaxante muscular.

Quem são os ladrões? São sujeitinhos que chegam como turistas, de camisa florida, e fingem que



vão visitar a Amazônia para ver as belezas tropicais. Lá, chegam a “alugar” criancinhas para fazer a coleta dos bichos, das plantas, de sementes. Escondem tudo no bolsinho, na malinha, e se mandam de volta para nos tirar milhões de dólares por ano.

Há pouco tempo, não tínhamos nada, nenhuma lei para nos proteger. Até surgir uma medida provisória para impedir o acesso a nossas riquezas. Mas, com a edição dessa medida, tudo virou de cabeça para baixo. Não que a intenção da lei não seja boa – é boa. O problema é que ela criou tantas dificuldades de acesso à nossa flora e fauna para fins de pesquisa científica que nenhum cientista brasileiro consegue trabalhar com facilidade, tantas são as exigências. Isso é bom para os piratas, porque ladrão não precisa de burocracia: entra no peito e pronto. Lá se vão as ararinhas-azuis, os micos-leões-dourados, as aranhas.

O prejuízo é tamanho que o Ministério do Meio Ambiente, junto com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), já está aperfeiçoando uma nova lei que prejudique os piratas e não atrapalhe os cientistas. Porque, com especialistas trabalhando no campo, a ação fica mais difícil para ladrões internacionais.

Somos um país imenso e rico e, ao mesmo tempo, desprotegido. Desprotegido pelo nosso tamanho, mas também pela cegueira dos políticos. Principalmente na Amazônia, onde, quando não estão meti-



dos na malandragem, esses senhores estão atentos a outras piratarias políticas, como na Zona Franca de Manaus. Mas isso já é outra pirataria.

10-9-2003



OS JEITINHOS DE GOVERNAR

Outro dia, a TV Globo fez uma pesquisa sobre a diferença entre o jeitinho brasileiro e a corrupção. Muita gente acha que são a mesma coisa. Mas eu acho que há jeitinhos e jeitinhos. Existe um jeitinho sem-vergonha de passar por cima do interesse público para ter vantagens pessoais – é a chamada picaretagem. Mas existe um jeitinho de se governar um país possível, e não achar que o Brasil é uma Suíça tropical.

Não é mistério para ninguém que é impossível governar o Brasil sem um grande exército de intermediários, lobistas, transitando entre os partidos. Em Brasília não há inocentes, todos são cúmplices. Mas há jeitinhos honestos de governar. Vejamos um exemplo: se o presidente fizer um pequeno favor



para conseguir um grande progresso – que se faça o jeitoinho, senão não governa.

Há também a honradez dos fariseus, a dignidade de opereta, que não passa de um sórdido jeitoinho disfarçado de pureza. Muitos sem-vergonhas estão bancando virgens escandalizadas em um bordel, pedindo a cabeça de homens sérios, para impedir o projeto social-democrata do PT. Trata-se da “síndrome da farinha do mesmo saco”. Querem provar que todos são iguais a eles. É o socialismo da falta de vergonha. Berram: “Somos todos iguais, nós e o PT”. Por isso, afirmo: essa gente que quer CPI de bingo só pensa em acabar com o governo Lula para que volte a zorra geral neste país. Uma CPI moralista agora seria a grande vitória dos imorais.

31

4-3-2004





CHAMEM OS ENCANADORES DA REPÚBLICA

Ministros têm reclamado muito da burocracia do Estado brasileiro. O ministro Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior [*Furlan deixou o ministério em 2008*], falou do inferno que é o labirinto paralisador da burocracia em nossa terra. É a mais trágica verdade. Todo mundo fala de desemprego, de reforma agrária, de equilíbrio fiscal, mas ninguém combate concretamente esse monstro que é a burocracia, tolerada como mal sem solução.

Talvez a burocracia seja o maior problema deste país, porque é uma espécie de visgo, de gosma, de meleca que se deposita nas brechas da produção e da administração, e emperra tudo. Esse monstro melequento fecha todas as saídas para o progresso.





Paralisa a eficiência em um mundo veloz como o de hoje. A burocracia nasceu no Brasil Colônia, cresceu no Império e hoje engessa a República. A burocracia veio para impedir que a sociedade colonial se desenvolvesse, para proteger os interesses da Coroa portuguesa. Jamais quiseram nosso desenvolvimento. Era para sermos empregados, nunca empresários. Era a expressa vontade de nos manter dependentes e burros, parados, escravos do reino.

A burocracia é irmã da corrupção e do clientelismo. Cria dificuldades para vender facilidades. Pior: é uma forma de poder mais suja, feita de impedimentos e proibições. É o passado impedindo o presente. Na exportação, por exemplo, impede o fluxo de mercadorias para o exterior. O grande Juscelino Kubitschek formou os famosos grupos executivos, os atalhos para furar o cerco. Novas regras, leis ágeis. E conseguiu, em cinco anos, começar a industrialização do país.

Por que o PT, que não sabe o que fazer, não tenta ao menos limpar esses trilhos, abrir caminhos, arejar a administração? Por tradição, os petistas são os maiores burocratas, com mania de se reunir para tudo, com medo de errar, de serem chamados de comunas ou de antidemocráticos. Mas podiam ao menos tentar, como se tentou com sucesso no tempo de Juscelino e depois no do ministro Hélio Beltrão [*ocupou o Ministério da Previdência Social no governo de João Baptista Figueiredo e ficou conhe-*



*cido como “ministro da desburocratização”]. O Brasil
está entupido. Precisamos chamar os encanadores
da República.*

28-6-2004



DEUS CASTIGA

Não tenho nada contra religiões, sejam evangélicas ou não. Apesar de ser ateu, acho que a floração estranha de evangélicos no Brasil vem cumprindo uma função social que a sociedade civil e o Estado não cumprem. Ou seja, dá um pouco de paz e esperança, de sensação de cidadania, aos pobres brasileiros. Muita gente sente-se melhor quando fica de mãos dadas diante de Jesus e é guiada por pastores – não por receber benção ou milagre, mas pelo simples fato de fazer parte ali de uma sociedade qualquer.

Embora existam evangélicos decentes, há também evangélicos de mercado, bando de canalhas que criou igrejas para faturar uma grana dos pobres. Bispos e padres que não acreditam em Deus são cobiça-





dos por políticos que querem fazer o milagre de transformar nada em muita grana, querem multiplicar seus pães, em poucos meses, por meio de roubo e fisiologismo, como fizeram os vereadores do Rio que triplicaram seu patrimônio em cinco anos de mandato.

Em época de eleição, a caçada aos votos começa em rincões místicos das cidades. Os eleitores evangélicos são disputados a tapa. Só em São Paulo são 16% do número de eleitores. Todos os candidatos a prefeito ficam de olhinhos revirados para Jesus, cantando e orando com cara de beatos, para descolar votos. Tremendos ateus se jogam no chão e exorcizam demônios, vagabundos e ladrões batem no peito e se arrependem em público. Criminosos se convertem aos berros de “Jesus!”.

Em época de votos, todos acreditam em Deus. No estado do Rio, onde reinam dois bispos, e voltaram a acreditar em Adão e Eva e na cobra, está cheio de candidatinhos com auréolas de santos. É terrível ver como a democracia, apesar de ser o melhor tipo de regime que existe, também nos obriga a ver o lixo de que são formados os representantes do povo. Mas Deus, Deus está vendo essa hipocrisia toda aqui embaixo. E, como sabemos, Deus castiga.

23-7-2004





SOU SEU PATRÃO!

Quando acontecem eleições para o comando das prefeituras, aparece, diante de nossos olhos, a doença política que as assola. Há prefeituras que, em quatro anos, tiveram cinco prefeitos – uns cassados, outros mortos, outros foragidos. É uma maracutaia geral nos municípios. Isso ocorre porque a população não vigia seus políticos. Somente a população poderá evitar a canalhice e a roubalheira.

Por isso pergunto: você tem consciência de que prefeitos e vereadores são empregados da população? Não? No Brasil, o sujeito vira prefeito ou vereador e já começa a olhar por cima dos cidadãos. Perguntam bem na nossa cara: “O senhor sabe com quem está falando? Sou vereador! Sou prefeito!”. E isso é comum nos 5.700 municípios do país – o que já é um



número obsceno. A maioria deles é cabide de emprego e quase todos são caixas-pretas em que ratazanas roem a nação.

No Primeiro Mundo, nos Estados Unidos e na Europa, políticos são servidores públicos. Aqui também. Só que ninguém sabe disso. Quando chega a hora de votar, chega também a hora de a população crescer. E de enfrentar os maus dirigentes olho no olho e perguntar a eles: “O senhor sabe com quem está falando? Com um cidadão, seu patrão!”.

27-9-2004



TALVEZ O PT CAIA NA REAL

O governo acaba de lançar as moedas de um real. É prova de coragem, porque houve um tempo em que elas derretiam na mão e nem mendigo aceitava como esmola – jogava de volta na nossa cara. A inflação era de 80% ao mês. Mesmo com o *tlac, tlac, tlac* das maquininhas de colar etiquetas de preços nos supermercados, não confiávamos no surgimento do Plano Real. Hoje, vemos que é uma moeda forte – e, no entanto, o plano foi promulgado contra o descrédito de todos. Todo mundo desconfiava do real, depois de tantos planos econômicos fracassados.

O Plano Real teve uma importância muito grande, pois, além de ter acabado com a inflação, foi das poucas coisas que deram certo neste país. Criou uma



fé nova, um otimismo que não existia antes, porque o fracasso sempre foi mania nacional. Sempre foi melhor desconfiar do que se decepcionar. Então, todo mundo desacreditava antes, como espécie de vacina contra a desilusão.

Até hoje o real está de pé. E a maior vitória do governo Fernando Henrique foi mostrar à consciência pública que o óbvio tinha que ser respeitado, mais do que aquelas velhas utopias. O real era também o mundo real. Mas, na época, o PT foi contra o plano. Depois tentou derrubar a Lei de Responsabilidade Fiscal. A ironia é que, hoje, é a única peça de sucesso do governo Lula. A oposição não tem pago na mesma moeda, tem ajudado a segurar o Lula no poder. Dez anos depois, o real não caiu, mas o PT caiu. Talvez um dia caia na real.



SAINDO DE CENA

A cassação de José Dirceu provocou uma espécie de alívio na opinião pública. Parece que o país vai respirar agora, porque as coisas estavam paralisadas havia meses. Essa crise nos mostrou dois lados do atraso brasileiro: a direita de Jefferson [*Roberto Jefferson, deputado federal cassado em setembro de 2005*] e a esquerda de Zé Dirceu. O atraso de direita e o atraso de esquerda. O atraso dos reacionários e o atraso dos “progressistas” – assim, entre aspas mesmo.

A saída de Dirceu tem uma importância simbólica muito grande, porque cai o mito do herói de uma revolução morta. Dirceu não foi ladrão nem corrupto: ele foi o organizador de finanças de uma revolução falida. Jamais acreditou na democracia, chamada de



burguesa por ele e por outros membros do PT. Dirceu, contra todas as evidências, ainda sonha – sonhava – com um socialismo fracassado. A verdadeira revolução brasileira será o aperfeiçoamento da República, a reforma de velhas instituições como o Judiciário – a doce cama da corrupção e do privilégio.

A revolução no Brasil é a reforma da absurda burocracia da administração pública. É a democracia com crescimento econômico, única maneira de se combater a miséria. Com a queda de Dirceu, a velha esquerda sai de cena. O mundo fica menos utópico e mais real, e poderemos pensar em um novo conceito de progresso e de mudança. A revolução brasileira tem que ser no presente, e não em um futuro imaginário.



QUANTO CUSTA UM PARLAMENTAR?

Você sabe quantos dias por ano trabalha um congressista? O ano tem 365 dias, mas nenhum parlamentar chega em Brasília na segunda-feira, muito menos fica até sexta. Logo, trabalha três dias por semana – terça, quarta e quinta.

O ano tem 52 semanas. Mas, com três meses de recesso e férias, os parlamentares trabalham menos doze semanas, ou seja, trabalham quarenta semanas, 120 dias por ano, sem contar feriados e gazetas.

Um deputado ou senador, com salário fixo, ganha 12.850 reais por mês. Mas recebe também 15 mil reais de verba para o escritório e os funcionários. Ganha mais 10 mil reais por mês de passagens aéreas e 4.300 para correio e telefones, sem contar eventuais mensalões. Ou seja, cada um nos custa 42 mil reais por



mês. Só na Câmara dos Deputados são 513 – então, anualmente, os deputados custam 260 milhões de reais. Somados aos 81 senadores, chegamos à quantia de 300 milhões de reais por ano – para pagar homens que trabalham apenas 120 dias. Na convocação extraordinária, gastamos mais 100 milhões de reais.

Sabendo-se que uma casa popular custa 25 mil reais, só com o custo da convocação extraordinária poderíamos construir 4 mil casas populares. É mole ou quer mais?

21-12-2005



O LADRÃO NOS ASSALTA E AINDA AGRADECEMOS

A Bolívia não nacionalizou a Petrobras. A Bolívia invadiu nossa empresa com o Exército – no peito e na raça. E o Lula achou que os bolivianos tinham razão. É inacreditável o que está acontecendo na América Latina, e o Lula não vê, ou finge que não vê. Se o Lula me ouvisse, eu diria a ele: “Presidente Lula, o senhor não percebe que está sendo usado pelo Hugo Chávez? Não vê que Evo Morales é um capanga do Chavão, que obedece a suas ordens? O Chávez quer desmoralizá-lo e transformar o Brasil no inimigo imperialista”.

Esse oportunista da Venezuela, o “cocaleiro” primitivo da Bolívia e o peronista vesgo da Argentina são caricaturas – caricaturas de revolucionários dos anos 1970, que hoje se infiltraram na democracia



para apodrecê-la. Presidente, o senhor fica pensando assim: “Sou o presidente do Brasil ou um militante do PT no governo?”. O senhor só faltou aplaudir o Evo Morales por ter invadido a Petrobras, e ainda disse que a Petrobras “entubará” qualquer aumento numa boa. Depois, presidente, o senhor falou que o gasoduto da Venezuela será maior do que a Muralha da China.

Presidente Lula, somos uma república democrática e não podemos permitir essa folga. Marco Aurélio Garcia [*assessor da presidência para assuntos internacionais*] ainda disse: “O Brasil já ganhou muito dinheiro com a Bolívia”. O que é isso? O ladrão nos assalta e ainda agradecemos? Isso é coisa de país soberano? Isso é coisa de homem? Se continuar assim, vamos virar o saco de pancada dos hispânicos populistas.

Presidente Lula, será que o senhor tem vergonha da democracia brasileira?

8-5-2006





REVOLUÇÃO INSTITUCIONAL, URGENTE

Vivemos um momento terrível, mas precioso na vida política brasileira. O país está com o corpo aberto, mostra seu câncer generalizado. Em um ano, descobrimos que havia uma quadrilha no poder e vimos como funciona a corrupção dos mensalões, das sanguessugas. Agora, percebemos que estamos mais indefesos do que pensávamos. E quem nos revelou isso? Os salvadores da pátria? Não, um corrupto confesso como o Roberto Jefferson nos mostrou como era o sistema da quadrilha no poder. Marcola [*Marcos Willians Herbas Camacho, líder da organização criminosa Primeiro Comando da Capital, cuja sigla é PCC*] nos ensina que estamos abandonados pelo poder público.



Diante da incompetência evidente, os políticos se acusam, mas a verdade é que todos estão aquém do que acontece. A realidade explode e revela a preguiça, o descaso e a ignorância dos políticos. Estamos vivendo uma crise institucional. As soluções tradicionais não bastam. Pode ser que, mais adiante, a humildade do Lula e seus petistas, a humildade dos tucanos e seus aliados, todos reconhecendo que não sabem o que fazer, faça com que eles percebam que somente um mutirão acima de partidos, além da pressão contínua da sociedade civil poderá vir a ajudar. Não deixemos escapar essa oportunidade trágica. O Brasil precisa de uma revolução institucional. Não há solução ainda porque a verdade é que não conhecemos o problema.



QUAL A COR DO PAÍS?

Presenciamos apenas “de-sacontecimentos” no Brasil. As coisas acontecem no mundo, aqui giram no mesmo lugar. Lá fora vingam, aqui murcham logo. Os jornais trazem notícias que não aconteceram: não terminou a greve, não puniram os responsáveis, não conseguiram isso nem aquilo. Nossas notícias são narrativas de fracassos. De resto, falta vento no peito, esperança, cor no rosto, adrenalina na alma. O Brasil virou uma sopa em que flutuam as eternas colunas sociais, com as velhas madames, as novas peruas, os crimes, as balas perdidas, as revoltas nas prisões.

Já vivi épocas de cores mais vivas. O pré-64 era vermelho, não apenas pelas bandeiras do socialismo mas também pelo sangue que nos animava a cons-





truir um país romanticamente. Era ilusão? Era. Mas tinha gosto de vida. E a ditadura de 1964, aquele verde-oliva que nos cercou como epidemia de patriotismo, era horrível? Era, mas nos dava *frisson* de lutar contra o autoritarismo.

Hoje, qual é a cor do Brasil? É a cor de burro quando foge, a cor morta dos “desacontecimentos”. Vivemos um tempo em que parece estarmos em um beco sem saída. Mas, quando chegam as eleições, tudo muda. As eleições apagam os fatos recentes, porque nos dão a ilusão de que vem um tempo novo. Cada figurinha de candidato estadual ou federal, cada rostinho cheio de anomalias, promete coragem, honestidade e, principalmente, acontecimentos. Diante do grande público, vale apenas o chamado carisma, o charme, a beleza, o feitiço do candidato que parece, mas não é. Parece honesto, sério, legal.

No Brasil, a história anda muito devagar. Às vezes, anda para a frente, mas volta correndo para trás. Continuamos a votar não em programas, nem em projetos, mas em caras, em discursos. Pois nossa formação nos faz acreditar em salvadores da pátria, em milagreiros, para substituir nossa impotência social.

Na campanha eleitoral, dá medo ver o desfile de figuras patológicas no ar. Gente que não receberíamos em casa, mas em quem votaremos, cheios de fé. Depois, vamos reclamar dizendo que não prestam. E nós, com a nossa ingenuidade e desinteresse, prestamos?

30-8-2006

